

# “You pulled a Monica”: buscando (um) sentido<sup>1</sup>

*Charles Fouquet* (UERJ)

*Evelyn Chagas* (UERJ)

*Gabriel Machado* (UERJ)

*Natália Affonso* (UERJ)

*Ulisses Gomes* (UERJ)

**RESUMO:** No presente trabalho, buscamos descrever o sentido da expressão “You pulled a Monica” usada no contexto de um episódio da série norte-americana “Friends”. Na trama, há a reconstrução desse sentido, que passa de depreciativo a positivo. Procuramos inicialmente utilizar conceitos da Semântica Formal, presentes nos estudos de Frege, e da Teoria Polifônica de Ducrot (1987), que estende para a análise dos enunciados o conceito de polifonia de Bakhtin; por último, buscamos dar conta do sentido da expressão usando a teoria da Semântica Cognitiva, a partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1981), constatando que essa teoria é a que melhor se aplica ao caso em análise. No episódio há, inicialmente, uma projeção de significados do espaço mental da expressão “screw up”<sup>2</sup> para o espaço mental da personagem Monica. Por isso, o termo “Monica”, nesse uso, tem característica depreciativa. Todavia, no final no episódio, há uma alteração no emprego de “pull a Monica”, que passa a se relacionar a outros espaços mentais de natureza positiva, o que modifica radicalmente o significado da expressão. Demonstra-se, portanto, como a metáfora é estruturante e essencial à língua como expressão de saberes de ordem linguística e cognitiva.

Palavras-chave: Linguística. Semântica. Língua Inglesa. “Pull a Monica”.

## 1) Introdução

O presente artigo tem como objetivo buscar um sentido para a expressão “you pulled a Monica” a partir de um exercício de análise, utilizando teorias semânticas.

Realizamos uma análise semântica de trecho de um episódio da série norte-americana “Friends”. No episódio, a personagem Monica, tendo sido contratada pela mãe para cozinhar em um evento, perde uma de suas unhas postiças enquanto prepara um dos pratos. Essa situação provoca desconforto em Monica, mas logo adiante percebemos que o fato já era previsto pelos seus pais. Ocorre então um conflito, já que os pais de Monica apostaram que algo certamente daria errado e usaram a expressão “pull a Monica”, que data da infância da moça. No final, outra personagem, Phoebe, amiga de Monica, tenta dar novo uso para a expressão, desconstruindo seu significado inicial, de caráter depreciativo.

O ponto principal do episódio é, portanto, a (des)construção do sentido inicial da expressão “pull a Monica”, que pode ser traduzida em português para “dar uma de Monica”. Essa expressão tem sido usada com frequência em inglês para indicar, em termos gerais, a ação que alguém pratica e que se aproxima ou se assemelha àquela realizada por outra pessoa. Seria algo como “*P* agiu da mesma forma que *N*”.

Diversos são os autores que têm se proposto a realizar estudos semânticos, ou seja, a buscar o sentido (significado, significação) das formas linguísticas. Os diferentes enfoques e fundamentações resultaram no desenvolvimento de teorias que são constante objeto de debates, e que apontam para o caráter heterogêneo dos estudos. A própria definição de seu objeto— o significado — já é um ponto controverso.

---

<sup>1</sup> Orientados pela Professora Dra. Tânia Saliés (UERJ).

<sup>2</sup> Essa expressão pode ser entendida como “estragar”, “arruinar”.

Cançado (2008) organizou as teorias semânticas em dois grupos: um que engloba teorias baseadas na lógica (teorias formais, referenciais ou de valor de verdade), que procuram ver a relação entre as expressões linguísticas e objetos extralinguísticos; e outro que inclui teorias que assumem um ponto de vista representacional (teorias mentalistas, representacionais ou cognitivas), considerando o significado como representação mental, sem relação com a referência no mundo.

Pretendemos fundamentar a construção do sentido da expressão em pauta utilizando estudos de várias teorias semânticas. Procuraremos mostrar que a Semântica Formal não é suficiente para explicar o sentido da expressão. Além disso, mostraremos que, dentre as teorias representacionais, a Semântica da Enunciação também não desvenda completamente tal sentido. Daí buscamos dar conta dele a partir da Semântica Cognitiva, com base nos estudos de Lakoff e Johnson (1981) e de sua repercussão no Brasil, principalmente nos trabalhos de Roberta Pires de Oliveira.

A respeito do *corpus* analisado, cabe trazer uma reflexão de Crystal (2003) sobre diálogos de séries de televisão, em contraste com os diálogos em uma situação real:

When we investigate how dialogs actually work, as found in recordings of natural speech, we are often in for a surprise. We are used to seeing dialogue in contexts where the language has been carefully crafted, such as the script of a play or the conversation in a language teaching textbook. Such dialogues may be very effective for their purpose, but they are usually a long way from what can happen in everyday conversation. The stereotype is that people speak in complete sentences, taking well-defined turns, carefully listen to each other, and producing balanced amounts of speech.<sup>3</sup>

Portanto, considerando que o objeto de análise é uma “conversa artificial”, como definido por Dionisio (2000, p.74), o trecho escolhido será a transcrição de uma parte do roteiro do episódio mencionado, de onde serão extraídos os dados para a análise pretendida.

É também interessante ressaltar que o seriado em questão é predominantemente humorístico e as situações criadas têm, portanto, a intenção de divertir o público. Diante, pois, da intenção do autor do texto, é possível (e aceitável) a quebra de algumas máximas conversacionais, fato que resulta no humor da cena.

## 2) Buscando (um) sentido

Utilizando-se dos estudos de Cançado (2008), buscamos fundamentar nossa análise em uma teoria semântica baseada na lógica e em outras que tomam o ponto de vista representacional, considerando sempre as suas particularidades na busca pelo sentido.

<sup>3</sup> Quando nós investigamos como os diálogos realmente funcionam, como os encontrados em gravações de uma fala natural, muitas vezes somos surpreendidos. Estamos habituados a diálogos em contextos nos quais a língua foi cuidadosamente elaborada, como no script de uma peça ou em um diálogo em um livro-texto de ensino de língua. Tais diálogos podem ser muito eficazes ao que se propõem, mas eles geralmente estão muito longe do que acontece numa conversa do dia a dia. O estereótipo é que as pessoas usam sentenças completas, tomam turnos bem definidos, ouvem cuidadosamente umas às outras e produzem quantidades equilibradas de fala. (livre tradução)

Pela Semântica Lógica, as condições de verdade das sentenças seriam desvendadas a partir de relações intrínsecas de significado entre elas. Nesse aspecto, portanto, seriam sentenças anômalas aquelas nas quais, apesar de sintaticamente aceitáveis, o sentido de uma não é compatível com o sentido de outra (Cançado, 2008).

Por outro lado, segundo os estudos proposto por Oswald Ducrot (1987) no que mais tarde se chamou Semântica da Enunciação – pertencente ao grupo das teorias de base representacional –, a referência é tida como uma ilusão criada pela linguagem. Apropriando-se do conceito bakhtiniano de polifonia, o autor questiona entendimentos anteriores e busca um novo meio de encontrar o significado. A teoria de Ducrot analisa a ação humana realizada pela linguagem e as suas condições de alcance a partir do estudo do enunciado (fragmento do discurso). Deve-se distinguir o locutor enquanto tal, que realiza um ato de afirmação (posto), e o locutor enquanto ser do mundo, um ser considerado fora do discurso – voz coletiva – apresentando o conteúdo pressuposto.

Ainda no grupo das teorias de base representacional, menciona-se a Semântica Cognitiva, principalmente os estudos de Lakoff e Johnson (1981). Com foco no significado, esses teóricos acreditam que a expressão da memória de experiências cognitivas pode ser feita através dos mecanismos da metáfora (conjunto de correspondências entre domínios, relacionadas aos esquemas imagéticos) e da metonímia (esquema que permite a criação de relações de hierarquia entre conceitos, relacionada às categorias de nível básico). O indivíduo categorizaria o mundo através de protótipos, que representam um caso médio ou central e, a partir da metonímia, essa categoria seria gradualmente estendida.

## 2.1) A Semântica Formal

Segundo o que ensina Marques (1999, p. 89)

Em semântica lógica, o estudo das relações de significado entre termos metalinguísticos nos faz lidar com fenômenos de condições de verdade metalinguísticas, referentes a sentenças ou proposições que são logicamente verdadeiras ou falsas, porque entre elas existem relações intrínsecas de significado.

Para a semântica formal, seriam sentenças anômalas aquelas em que, apesar de sintaticamente aceitáveis, o sentido de uma não é logicamente compatível com o de outra (Cançado, 2008).

Tomemos o primeiro uso da expressão “pull a Monica” no fragmento analisado:

A- I just bet I'd need one of these [frozen lasagnas].

B- You bet that I'd screw up?

A- This was just in case you pulled a Monica<sup>4</sup>.

Aqui, portanto, o sentido da expressão “pull a Monica” refere-se ao de “screw up.”<sup>5</sup>

<sup>4</sup> A- Eu apostei que iria precisar de uma dessas [lasanhas congeladas]

B- Você apostou que eu estragaria tudo?

A- Isso era só no caso de você dar uma de Monica. (livre tradução)

<sup>5</sup> V. nota 2.



Ducrot baseia-se no conceito bakhtiniano de polifonia, que reconhece a existência de várias vozes no texto. Contudo, diferentemente de Bakhtin, ele entende que essa polifonia não está presente somente no texto (sequência de enunciados), mas também nos enunciados que formam o texto.

O primeiro aspecto de que trataremos aqui é a distinção feita entre sentença e enunciado. Para Ducrot, a sentença está desvinculada do contexto, diferentemente da enunciação, na qual se repara a existência de cadeias discursivas: “A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dada existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois. É essa aparição momentânea que chamo ‘enunciação’” (Ducrot, 1987, p. 168).

Segundo o autor, a frase “não pertence, para o linguista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção desta ciência particular que é a gramática” (Ducrot, 1987, p.164). O objeto do linguista é o enunciado (fragmento do discurso).

Ducrot traz três acepções de enunciação:

- Atividade psico-fisiológica implicada na produção do enunciado;
- Produto da atividade do sujeito falante (segmento de discurso, enunciado);
- Acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado.

Ainda a propósito da distinção entre frase e enunciado, Ducrot distingue o conceito de significação do de sentido. Segundo o autor, a significação seria a caracterização semântica da frase, e o sentido a caracterização semântica do enunciado. A significação representa um conjunto de instruções para associar sentido aos enunciados. “Interpretar uma produção linguística consiste, entre outras coisas, em reconhecer nela atos, e que este reconhecimento se faz atribuindo ao enunciado um sentido, que é um conjunto de indicações sobre a enunciação” (Ducrot, 1987, p.173).

Ao trazer a polifonia para a análise dos enunciados, Ducrot vislumbra a possibilidade de três tipos de negação:

1 *negação metalingüística*: “uma negação que contradiz os próprios termos de uma fala efetiva à qual se opõe” (Ducrot, 1987, p. 204):

Exemplo 1: Pedro não parou de fumar, de fato Pedro nunca fumou na sua vida.

Há aqui uma afirmação antecedente (L – Pedro parou de fumar) que possibilita a negação do enunciador.

Exemplo 2: Pedro não é inteligente, ele é genial.

Da mesma forma, existe aqui uma afirmação anterior feita por um locutor L: Pedro é inteligente.

2 *negação polêmica*:

Exemplo:

L- Pedro não é inteligente.

E1- Pedro é inteligente. (pode não ser discurso efetivo)

Nesse caso “a atitude positiva à qual o locutor se opõe é interna ao discurso no qual é contestada. Esta negação ‘polêmica’ tem sempre um efeito rebaixador e mantém os pressupostos” (Ducrot, 1987, p. 204).

3 *negação descritiva*: “derivado delocutivo da negação polêmica”. (Ducrot, 1987, p. 205)

Atribuição de propriedade que legitima oposição a um enunciador que tivesse feito uma afirmação qualquer.

Fenômenos de Pressuposição:

Pedro parou de fumar. (enunciado com pressuposto)

E1- conteúdo pressuposto. Pedro fumava anteriormente.

E2- posto. Pedro não fuma atualmente.

O E2 é assimilado ao locutor L, que realiza ato de afirmação. O E1 é assimilado a uma voz coletiva. Nas hipóteses de pressuposição, deve-se distinguir o locutor enquanto tal (L) e o locutor enquanto ser do mundo ( $\lambda$ ), um ser considerado fora do discurso.

Diante disso, considerando-se a expressão tomada para análise, pode-se concluir o seguinte:

You pulled a Monica. (*Você deu uma de Monica*)

E1- conteúdo pressuposto: Monica fez algo.

E2- posto: Você agiu como Monica.

O problema que se coloca para que se construa o sentido da expressão é a utilização do nome “Monica” para que se verifique qual atitude está sendo repetida. Isso só é possível a partir do contexto, do conhecimento de mundo partilhado entre os falantes e do uso que se faz da expressão. Daí entendemos que a Semântica Cognitiva é a mais adequada para a situação.

### 2.3) A Semântica Cognitiva

Considera-se que os estudos de Lakoff e Johnson (1981) deram início aos estudos dessa teoria semântica. Num artigo sobre o percurso dos estudos semânticos no Brasil, Oliveira (1999) apresenta as principais críticas de Lakoff à análise formal. Dentre elas o fato da não percepção, pela Semântica Formal, da centralidade da imaginação, sendo a metáfora por ela considerada um mero “desvio marginal”, ao passo que, para o autor, se trataria de um mecanismo onipresente, relacionado aos domínios cognitivos. Oliveira também menciona o conceito de objetivismo metafísico criado por Lakoff, que engloba uma crítica à abordagem lógico-formal do significado.

Para a Linguística Cognitiva, o enunciado surge de dentro para fora – não possui um referente – e emerge de nossa interação corpórea com o mundo, com o ambiente.

Dessa relação com o ambiente, a criança apreenderia elementos – aqui denominados categorias de nível básico – e, a partir daí, da memória dessas experiências, seriam criados esquemas imagéticos “que dão significado às nossas experiências linguísticas” (Oliveira, 2000, p. 34).

A expressão dessa memória de experiências cognitivas poderia ser feita através dos mecanismos da metáfora (conjunto de correspondências entre domínios) e da metonímia (esquema que permite a criação de relações de hierarquia entre conceitos).

Pela ótica dessa teoria, a metáfora e a metonímia não são consideradas como meras figuras de linguagem. A metáfora se relacionaria aos esquemas imagéticos e a metonímia às categorias de nível básico. O indivíduo categoriza o mundo através de protótipos, que representam um caso médio ou central, e, por meio da metonímia, essa categoria é gradualmente estendida.

A pressuposição é outro elemento a ser destacado nessa teoria. Diferentemente do que ocorre na enunciação (argumentação), aqui a pressuposição significa a transferência de significados de um espaço mental para outro.

### 3) Analisando a expressão “pull a monica” a partir da semântica cognitiva

Os conceitos da Semântica Cognitiva podem ser utilizados para que se encontre o significado da expressão “pull a Monica” tal como utilizada no fragmento em análise.

Vimos acima que o primeiro uso da expressão tem aspecto depreciativo, relacionando-se à expressão “screw up” (estragar, arruinar tudo).

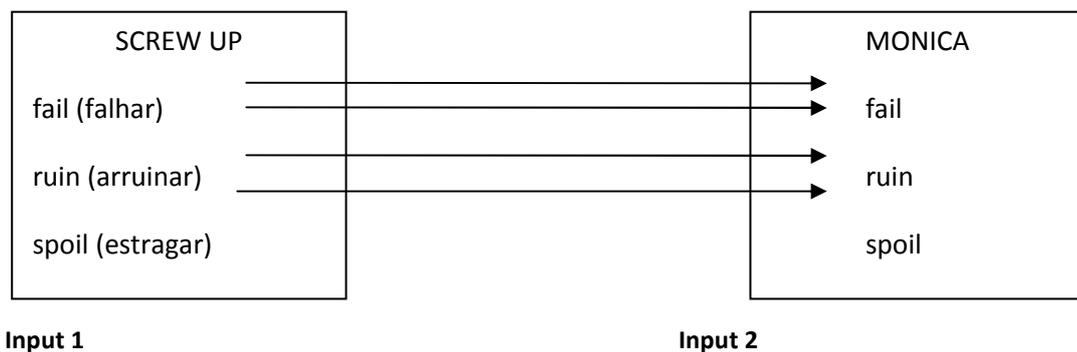
Inicialmente, podemos analisar o significado do uso de “pull a”:

Se tomarmos o uso “P pulled a N”, pode-se admitir que pull (puxar) traz o esquema de MOVIMENTO, de trazer para si. Assim, entendemos “pull a” como um movimento de trazer algo para si, no caso, uma característica. Portanto, em “P pulled a N”, entendemos que P trouxe para si características de N.

A Semântica Cognitiva pode também ser útil para explicar os usos de “Monica” como referente:

a-You pulled a Monica.

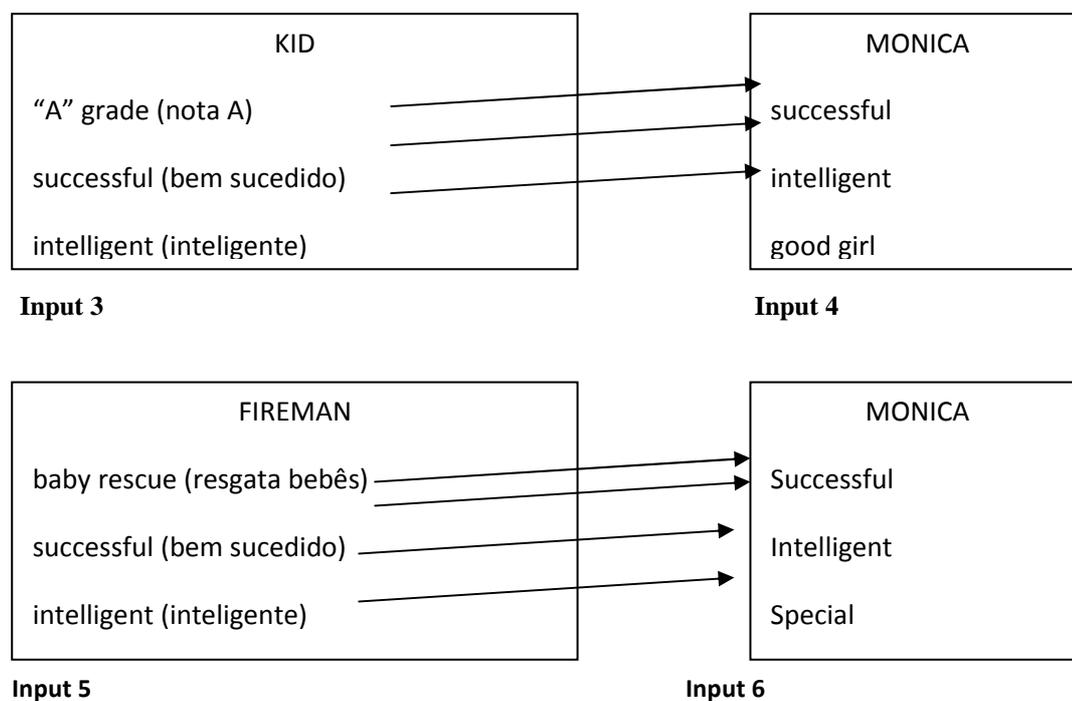
b-You screw up.



Há, portanto, uma projeção, uma transferência de significados do espaço mental de “screw up” para o espaço mental da personagem Monica. Por isso, o termo “Monica”, nesse uso, tem característica depreciativa.

Todavia, no final no episódio, há uma alteração no uso da expressão, e “pull a Monica” passa a relacionar-se a outros espaços mentais:

- a) If a kid gets straight A's, his parents would say, "Yeah, he pulled a Monica"<sup>8</sup>  
 b) If a fireman saves a baby, and they go, "Yeah I know, he pulled a Monica."<sup>9</sup>



Portanto, essa segunda acepção não traz mais o conteúdo depreciativo, já que, ao projetar em Monica elementos das categorias de um bom aluno e de um bombeiro, há radical mudança do significado da expressão.

#### 4) Conclusão

Assim, o primeiro uso da expressão tem um aspecto negativo, já que se relaciona a algum erro cometido no passado pela personagem Monica. E esse conhecimento é compartilhado pelos interlocutores, daí:

A- I just bet I'd need one of these [frozen lasagnas].

B- You bet that I'd screw up?

A- This was just in case you pulled a Monica<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Se um garoto tira um A, seus pais diriam “Isso, ele deu uma de Monica” bombeiro resgata uma criança, e eles diriam, “Isso, eu sei, ele deu uma de Monica” (livre tradução)

<sup>9</sup> Se um bombeiro resgata uma criança, e eles diriam, “Isso, eu sei, ele deu uma de Monica” (livre tradução)

<sup>10</sup> A- Eu apostei que iria precisar de uma dessas [lasanhas congeladas]

B- Você apostou que eu estragaria tudo?

Todavia, a expressão tem seu significado alterado no final do trecho. Isso prova que o seu sentido depende do uso e isso pode ser verificado no segundo uso da expressão:

Monica: Ohh, I'm such an idiot. I can't believe I actually thought she could change.

Phoebe: Well, who cares what your Mom thinks? So you pulled a Monica...

Monica: Oh good, I'm glad that's catching on.

Phoebe: No but, (1) why does that have to be a bad thing? (2) Just change what it means. Y'know? (3) Go down there and prove your Mother wrong. (4) Finish the job you were hired to do, and we'll call that pulling a Monica.

Monica: What?

Phoebe: Okay, umm,(5) if a kid gets straight A's, his parents would say, "Yeah, he pulled a Monica." You know? (6) Or a fireman saves a baby, and they go, "Yeah I know, he pulled a Monica." <sup>11</sup>

No segmento (1) a personagem expressamente declara que o sentido da expressão “pull a Monica” tem um aspecto negativo. No entanto, em (2), (3) e em (4) ela mostra a possibilidade de alterar esse sentido, que está estritamente relacionado ao seu uso. Em (5) e (6), são sugeridas novas situações de uso da expressão, que apontam para um aspecto positivo.

É importante também verificar a necessidade de compartilhamento do conhecimento pelos interactantes para que se faça a construção do sentido, expresso no segmento (8) a seguir:

Mrs. Geller: Yes, well I was wrong, and I have to say you really impressed me today.

Monica: Wow!

Phoebe: Umm, you might even say that she pulled a Monica.

(Mrs. Geller and Monica both look at her)

Phoebe (to Monica): (8) She doesn't know we switched it.

(Monica nods her head 'No.')

<sup>12</sup>

Como diz Koch (2009, p. 56-7):

A- Isso era só no caso de você dar uma de Monica. (livre tradução)

<sup>11</sup> Monica: Oh, eu sou tão idiota. Eu não acredito que eu realmente achei que ela pudesse mudar.

Phoebe: Bem, quem se importa com o que sua mãe acha? Então você deu uma de Monica...

Monica: Ai, meu Deus, estou feliz que isso esteja pegando.

Phoebe: Não, mas por que isso tem que ser uma coisa ruim? Basta mudar o que isso significa. Entende? Desça lá e prove que sua mãe está errada. Termine o trabalho para que você foi contratada e nós chamaremos a isso dar uma de Monica.

Monica: O que?

Phoebe: *Okay*, hum, se um garoto tira um A, seus pais diriam “Isso, ele deu uma de Monica”. Entende? Ou um bombeiro resgata uma criança, e eles diriam, “Isso, eu sei, ele deu uma de Monica” (livre tradução).

<sup>12</sup> Sra. Geller: Sim, bem, eu estava errada, e eu tenho que dizer que você realmente me impressionou hoje.

Monica: Uau!

Phoebe: Hum, você deve dizer que ela deu uma de Monica.

(Sra. Geller e Monica olham para ela)

Phoebe (para Monica): Ela não sabe que nós o mudamos.

(Monica nega com a cabeça ‘Não’) (livre tradução)

Em última análise, a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem linguística, quer de ordem cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constróem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário invocar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos - , situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos.

Portanto, essa segunda acepção não traz mais o conteúdo depreciativo, já que, ao projetar em Monica elementos das categorias de um bom aluno e de um bombeiro, há radical mudança do significado da expressão, que passa a ter aspecto positivo. Ao utilizar a Semântica Cognitiva para depreender o significado da expressão “pull a Monica”, verificamos que não há como cumprir essa tarefa somente a partir de dados do texto, o conhecimento de mundo compartilhado entre os interactantes é fundamental nessa tarefa.

## REFERÊNCIAS

- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte : UFMG, 2008.
- CRYSTAL, David. **The Cambridge encyclopedia of the English language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DIONÍSIO, Ana Paula. Análise da conversação. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo : Cortez, 2000. p. 69-101. v. 2.
- DUCROT, Oswald. **O Dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas : Pontes, 1987.
- FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert. **Introdução à linguagem**. Coimbra : Almedina, 1993. p 177-215.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark.. **Metaphors we live by**. Chicago : University of Chicago Press, 1981.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de. Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil. *DELTA*. v. 15, n.esp., p. 291-321, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501999000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501999000300012&script=sci_arttext). Acesso em: 01 de maio 2010.

\_\_\_\_\_. **Semântica**. In: MUSSALIN Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 18-46. v. 2.